

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS

Adriana Fátima Franceschina<sup>1</sup>  
Conceição do Nascimento Batista<sup>2</sup>  
Elenice Alves de Oliveira Souza<sup>3</sup>  
Juliano Trevichenski<sup>4</sup>  
Gláucia Maria Gouveia<sup>5</sup>  
Sandra Ferreira Candioto<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo examina as práticas pedagógicas que influenciam o processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, destacando como essas abordagens moldam o desenvolvimento da leitura e da escrita em contextos educacionais diversos. O objetivo geral consiste em analisar as estratégias didáticas que promovem a transição do oral para o escrito, considerando as especificidades do estágio inicial da escolaridade. A pesquisa bibliográfica, conforme delineada por Godoi e Santos (2022), que enfatiza a didática como eixo organizador das ações educativas, e por Egido (2024), que defende a alfabetização como construção gradual de competências linguísticas, permitiu uma exploração aprofundada de contribuições teóricas recentes. Santos (2024) ilustra, em sua análise da alfabetização a distância durante a pandemia, como adaptações digitais intensificaram a necessidade de intervenções personalizadas, enquanto Narciso e Santos (2023) complementam essa visão ao discutir o papel do educador na mediação entre o letramento e as práticas cotidianas da criança. O conteúdo revela que tais práticas, quando ancoradas em projetos interdisciplinares, fomentam não apenas habilidades técnicas, mas também a autonomia cognitiva dos alunos. Essa perspectiva reforça a urgência de reformulações curriculares que integrem o lúdico ao rigor conceitual, ampliando o potencial transformador da educação inicial em sociedades em mudança.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Práticas pedagógicas. Anos iniciais. Letramento. Intervenções didáticas.

**ABSTRACT:** This article examines pedagogical practices that influence the literacy process in the early years of elementary school, highlighting how these approaches shape the development of reading and writing in diverse educational contexts. The general objective is to analyze didactic strategies that promote the transition from oral to written language, considering the specificities of the initial stage of schooling. The bibliographic research, as outlined by Godoi e Santos (2022), which emphasizes didactics as an organizing axis for educational actions, and by Egido (2024), which advocates literacy as a gradual construction of linguistic competencies, allowed for an in-depth exploration of recent theoretical contributions. Santos (2024) illustrates, in her analysis of distance literacy during the pandemic, how digital adaptations intensified the need for personalized interventions, while Narciso and Santos (2023) complement this view by discussing the educator's role in mediating literacy and children's everyday practices. The content reveals that such practices, when anchored in interdisciplinary projects, foster not only technical skills but also students' cognitive autonomy. This perspective underscores the urgency of curricular reformulations that integrate playfulness with conceptual rigor, expanding the transformative potential of early education in changing societies.

**Keywords:** Literacy. Pedagogical practices. Early years. Literacy. Didactic interventions.

<sup>1</sup>Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

<sup>2</sup>Especialização em Psicomotricidade Numa Abordagem Clínica e Educacional, Universidade Estadual do Ceará UECE.

<sup>3</sup>Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST)

<sup>4</sup>Mestrando em Educação, Universidad Leonardo da Vinci (ULDV).

<sup>5</sup>Mestranda em Ciência, Tecnologia e Educação, UNIVC.

<sup>6</sup>Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

## I. INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais representa um marco fundamental na formação da identidade escolar, onde as crianças constroem as bases para a compreensão do mundo simbólico da linguagem escrita, integrando experiências sensoriais e sociais ao aprendizado formal. Esse processo, delimitado aos primeiros anos do ensino fundamental, envolve não apenas a decodificação de signos, mas a internalização de práticas que conectam o individual ao coletivo, revelando tensões entre tradições pedagógicas e demandas contemporâneas. Narciso e Santos (2023) observam que o educador atua como ponte entre essas dimensões, facilitando interações que vão além da mera repetição mecânica, embora desafios como desigualdades regionais persistam em limitar o acesso equitativo a recursos didáticos. Assim, o objeto central reside na articulação entre práticas cotidianas e princípios teóricos, que demandam uma problematização contínua para evitar reducionismos no desenvolvimento infantil. Essa delimitação instaura a necessidade de questionar como tais práticas podem ser reconfiguradas para atender à diversidade cultural presente nas salas de aula brasileiras.

A problemática central emerge da discrepância entre as expectativas curriculares e a realidade das salas de aula, onde o processo de alfabetização frequentemente se resume a exercícios isolados, desconsiderando o contexto afetivo e social da criança. Santos (2024) argumenta que, durante a pandemia, a alfabetização a distância expôs fragilidades nesse modelo, uma vez que a ausência de mediação presencial comprometeu a construção compartilhada do conhecimento linguístico. Por outro lado, Soares (2020) aprofunda essa tensão ao propor que a alfabetização transcende técnicas isoladas, requerendo uma visão holística que integre o letramento como ferramenta de empoderamento social. Essa contradição revela a urgência de investigar como práticas pedagógicas podem mitigar desigualdades, especialmente em contextos de vulnerabilidade, onde o acesso a materiais diversificados é limitado. Portanto, o problema de pesquisa questiona as barreiras estruturais que impedem uma alfabetização inclusiva, demandando abordagens que equilibrem inovação e equidade no ensino inicial.

A justificativa teórica para essa investigação reside na relevância de revisitar as práticas pedagógicas como mecanismos de equidade educacional, particularmente em um cenário onde o analfabetismo funcional persiste apesar de avanços curriculares

nacionais. Libâneo (2017) sustenta que a didática deve ser dinâmica, adaptando-se às necessidades dos alunos para fomentar o pensamento crítico desde os anos iniciais, enquanto Santos (2024) estende essa ideia ao demonstrar como projetos temáticos podem transformar desafios pandêmicos em oportunidades de aprendizado colaborativo. Socialmente, essa análise ganha peso ao considerar que práticas eficazes na alfabetização contribuem para a redução de desigualdades sociais, promovendo cidadania ativa em comunidades marginalizadas. Narciso e Santos (2023) complementam, ao enfatizar que o educador, como agente mediador, pode reverter ciclos de exclusão por meio de estratégias que valorizem a diversidade cultural. Assim, o estudo justifica-se pela potencialidade de influenciar políticas educacionais, alinhando teoria e prática para um ensino mais humanizado e eficaz.

O objetivo geral consiste em examinar as práticas pedagógicas que potencializam o processo de alfabetização nos anos iniciais, identificando elementos que favorecem a integração entre letramento e contextos reais de aprendizagem. Como objetivos específicos, delineiam-se: mapear as estratégias didáticas propostas por autores contemporâneos, analisando sua aplicabilidade em salas heterogêneas; avaliar os impactos de abordagens projetuais na motivação infantil, conforme evidenciado em estudos recentes; e propor adaptações para contextos de diversidade, considerando limitações estruturais. Soares (2020) orienta essa delimitação ao defender que objetivos claros guiam a alfabetização para além da decodificação, visando a construção de significados compartilhados. Santos (2024) aprofunda, sugerindo que especificidades como o uso de tecnologias em projetos podem enriquecer esses fins, embora exijam planejamento cuidadoso. Essa estruturação assegura uma progressão focada, alinhando aspirações teóricas a demandas práticas do ensino inicial.

A metodologia adotada neste trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica que, permite a sistematização de conhecimentos didáticos para subsidiar reflexões sobre práticas educacionais e valoriza a análise de textos como meio para compreender processos de alfabetização em profundidade. Essa escolha justifica-se pela capacidade de sintetizar contribuições teóricas sem depender de dados empíricos primários, facilitando uma visão ampla das estratégias pedagógicas. Santos (2024) reforça a pertinência dessa abordagem ao demonstrar, em contextos pandêmicos, como revisões bibliográficas revelam adaptações inovadoras para o letramento distante. Narciso e Santos (2023) complementam, ao destacar que tal método integra o papel do educador como analisador crítico de fontes. Assim, o procedimento envolveu a

seleção criteriosa de obras que dialogam com o tema, priorizando perspectivas contemporâneas para uma análise qualitativa e reflexiva.

O artigo organiza-se em seções que avançam da fundamentação teórica à reflexão prática. A seção 2, intitulada Fundamentos Teóricos da Alfabetização Inicial, explora os pilares conceituais das práticas pedagógicas, com cinco parágrafos que alternam análise e diálogo com fontes. Em seguida, a subseção 2.1, Estratégias Didáticas Inovadoras, apresenta seis parágrafos dedicados a intervenções contemporâneas, enquanto 2.2, Desafios na Implementação Prática, discute obstáculos com cinco parágrafos, e 2.3, Perspectivas Inclusivas para o Letramento, conclui o desenvolvimento com seis parágrafos sobre adaptações diversificadas. A seção 3, Metodologia, detalha o procedimento adotado, incluindo um quadro de referências teóricas. Por fim, as seções 4 e 5 abordam considerações finais e referências, consolidando as contribuições do estudo.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO INICIAL

As bases conceituais da alfabetização nos anos iniciais ancoram-se na compreensão de que a linguagem escrita emerge como extensão do oral, demandando práticas que estimulem a curiosidade infantil por meio de interações significativas com o texto. Libâneo (2017) propõe que a didática, ao priorizar o contexto social da aprendizagem, transforma o ensino em processo dialógico, embora a rigidez curricular muitas vezes restrinja essa flexibilidade. Essa visão tensiona com realidades onde a repetição mecânica prevalece, limitando o desenvolvimento de competências críticas desde cedo. Narciso e Santos (2023) aprofundam essa dinâmica, ao mostrar que o educador, ao mediar narrativas cotidianas, fomenta a transição para o letramento, ampliando horizontes cognitivos. Assim, os fundamentos teóricos revelam a necessidade de práticas que equilibrem estrutura e liberdade, promovendo uma alfabetização que transcenda o mero domínio técnico para abraçar dimensões afetivas e culturais.

Santos (2024) explora como a alfabetização a distância, forjada pela pandemia, expôs a fragilidade de métodos tradicionais, uma vez que a ausência de contato direto comprometeu a construção coletiva de significados linguísticos, contrastando com abordagens presenciais mais imersivas. Soares (2020) complementa essa análise, ao argumentar que o alfaletar exige uma pedagogia que valorize a oralidade como ponte

para o escrito, evitando reducionismos que ignoram o repertório prévio das crianças. Essa interlocução teórica destaca tensões entre inovação tecnológica e preservação do humano no ensino inicial. Libâneo (2017) intervém, sugerindo que estratégias didáticas híbridas podem resolver essas contradições, integrando ferramentas digitais a interações presenciais. Portanto, o diálogo entre esses autores ilumina caminhos para práticas que honrem a complexidade do processo alfabetizador.

A reflexão sobre práticas pedagógicas revela que o ensino por projetos, conforme defendido por Santos (2024), permite que a alfabetização se torne experiência vivenciada, onde as crianças constroem narrativas a partir de temas relevantes, embora exija planejamento para evitar dispersão conceitual. Narciso e Santos (2023) tensionam essa ideia, ao enfatizar o papel do educador como facilitador de diálogos que conectem o projeto ao letramento cotidiano, promovendo autonomia sem abdicar do guidance estruturado. Essa articulação autoral sugere que tais abordagens, ao priorizar o coletivo, mitigam desigualdades inerentes ao acesso educacional. Soares (2020) aprofunda, propondo que o alfalettrar em projetos fomenta a inclusão de vozes marginalizadas, enriquecendo o repertório linguístico. Assim, a análise crítica aponta para reformulações que elevem o ensino inicial a espaço de empoderamento transformador.

No âmbito do letramento, as contribuições de Libâneo (2017) indicam que práticas pedagógicas devem incorporar a diversidade cultural, uma vez que a didática tradicional muitas vezes ignora variações regionais na linguagem, limitando a efetividade da alfabetização. Santos (2024) dialoga com essa perspectiva, ao relatar como projetos remotos durante a crise sanitária revelaram a necessidade de adaptações culturais para manter o engajamento infantil, embora barreiras digitais persistissem. Essa complementação teórica evidencia lacunas em abordagens uniformes, demandando intervenções que valorizem o contexto local. Narciso e Santos (2023) aprofundam, ao propor que o educador, ao integrar elementos culturais em atividades letradas, fortalece a identidade da criança, ampliando o impacto do aprendizado. Consequentemente, essas vozes teóricas orientam práticas que transcendem o padronizado para abraçar o particular.

Soares (2020) argumenta que o alfalettrar universaliza o acesso à escrita como ferramenta de cidadania, embora a implementação prática encontre resistências em sistemas educacionais sobrecarregados, o que tensiona a viabilidade de reformas radicais nos anos iniciais. Libâneo (2017) complementa, ao defender que a didática, quando ancorada em avaliações formativas, pode superar essas resistências, promovendo ajustes contínuos nas práticas pedagógicas. Essa relação de aprofundamento revela o potencial de avaliações como catalisadores de mudança,

embora exijam capacitação docente para evitar superficialidades. Santos (2024) intervêm, ilustrando como projetos a distância testaram essa dinâmica, revelando ganhos em flexibilidade, mas perdas em profundidade interacional. Portanto, a reflexão autoral sugere que o equilíbrio entre avaliação e inovação pedagógica é chave para uma alfabetização resiliente e inclusiva.

### 2.1. Estratégias Didáticas Inovadoras

As estratégias didáticas inovadoras na alfabetização privilegiam o uso de narrativas multimodais, onde o texto escrito se entrelaça com elementos visuais e orais para estimular a imaginação infantil, evitando a monotonia de exercícios repetitivos. Dias (2023) observa que tais abordagens, ao integrar letramento com artes, fomentam a retenção de conceitos, embora a formação docente limitada possa comprometer sua execução plena. Essa inovação tensiona com métodos tradicionais, que priorizam a decodificação isolada, revelando a necessidade de transições graduais nas salas de aula. Ricchiero e Moraes (2023) complementam, ao mapear intervenções que combinam ciência e linguagem, ampliando o escopo cognitivo das crianças. Assim, essas estratégias redefinem o ensino inicial como espaço de descoberta integrada, onde a inovação pedagógica impulsiona o desenvolvimento holístico.

Costa (2025) destaca que práticas inovadoras, como o uso de jogos temáticos para alfabetização, estimulam a colaboração entre pares, uma vez que o lúdico facilita a apropriação da escrita em contextos afetivos, contrastando com aulas expositivas que isolam o aluno. Gonçalves e Martínez (2021) aprofundam essa visão, ao analisar como a infantilização em estágios iniciais pode ser revertida por estratégias que respeitam a maturidade emergente da criança, promovendo autonomia linguística. Essa interlocução teórica evidencia o contraste entre rigidez e flexibilidade, onde o jogo atua como mediador de complexidades sociais. Oliveira e Silva (2024) intervêm, propondo contribuições teóricas que ligam letramento a projetos comunitários, enriquecendo o repertório cultural dos alunos. Consequentemente, o diálogo entre esses autores orienta inovações que harmonizam diversão e rigor conceitual no processo alfabetizador.

A análise de estratégias inovadoras indica que a incorporação de tecnologias simples, como aplicativos de contos interativos, potencializa a alfabetização ao tornar o texto acessível em formatos dinâmicos, embora exija infraestrutura mínima para evitar

exclusões. Barbosa (2023) reflete que tais ferramentas, quando alinhadas a educação ambiental, expandem o letramento para temas interdisciplinares, fomentando consciência crítica desde cedo. Essa articulação autoral sugere que inovações devem priorizar a acessibilidade, tensionando com realidades de escolas subfinanciadas. Souza e Rodrigues (2023) complementam, ao explorar a relação família-escola como eixo para reforçar práticas inovadoras, ampliando o impacto além da sala de aula. Portanto, essa perspectiva crítica advoga por estratégias que integrem comunidade e tecnologia, elevando a alfabetização a ferramenta de transformação social inclusiva.

Cordeiro e Sgarbi (2022) argumentam que desconstruir práticas para reconstruir a alfabetização linguística e científica exige estratégias que desestabilizem o convencional, uma vez que o ensino fragmentado perpetua lacunas conceituais nos anos iniciais. Bernardes, Assis e Nascimento (2024) dialogam, ao examinar o ensino de matemática como paralelo ao letramento, onde inovações como narrativas matemáticas fortalecem a compreensão integrada de linguagens. Essa relação de aproximação revela o potencial de abordagens híbridas para superar fragmentações disciplinares. Guse e Silveira (2021) aprofundam, ao propor transformações pedagógicas que valorizem o raciocínio lógico no contexto inicial, promovendo confiança infantil. Assim, essas contribuições teóricas iluminam caminhos para inovações que unifiquem saberes, tornando a alfabetização um processo coeso e empoderador.

## 2.2. Desafios na Implementação Prática

Os desafios na implementação de práticas pedagógicas para alfabetização residem na resistência institucional a mudanças, onde currículos rígidos limitam a adoção de abordagens flexíveis, embora a formação docente possa mitigar tais obstáculos ao longo do tempo. Daltio e Fraga (2024) observam que contribuições histórico-culturais ajudam a navegar esses desafios, uma vez que enfatizam a mediação social na construção do letramento inicial. Essa análise autoral revela que a implementação prática exige alinhamento entre teoria e rotina escolar, tensionando com rotinas exaustivas. Lopes (2021) complementa, ao destacar boas práticas interdisciplinares em direitos humanos, que expandem o letramento para valores éticos. Assim, superar desafios demanda compromisso coletivo, transformando barreiras em oportunidades para uma alfabetização mais robusta e contextualizada.

Dias (2023) ilustra que intervenções pedagógicas enfrentam desafios de equidade, especialmente em anos iniciais onde recursos variam entre escolas, contrastando com ideais de

letramento universal. Ricchiero e Moraes (2023) dialogam, ao perfilar estudos que revelam a necessidade de intervenções científicas para superar lacunas na alfabetização, promovendo evidências baseadas em prática. Essa relação de tensão evidencia a disparidade entre pesquisa e aplicação diária. Costa (2025) aprofunda, ao defender inovações que adaptem práticas aos contextos locais, mitigando resistências culturais. Consequentemente, esses autores apontam para desafios que, quando enfrentados, enriquecem o processo alfabetizador com realismo e profundidade.

A reflexão sobre desafios práticos indica que a formação inicial de professores frequentemente subestima a complexidade do letramento, levando a implementações superficiais que não capturam a diversidade infantil. Gonçalves e Martínez (2021) tensionam essa visão, ao criticar a infantilização em práticas para EJA, que ecoa nos anos iniciais ao subestimar capacidades emergentes. Essa articulação autoral sugere que desafios formativos perpetuam ciclos ineficazes, demandando currículos docentes mais integrados. Oliveira e Silva (2024) complementam, ao oferecer contribuições teóricas que guiam adaptações práticas para letramento inclusivo. Portanto, a análise crítica advoga por reformulações na formação, elevando a implementação a nível de excelência pedagógica.

Barbosa (2023) argumenta que desafios em educação ambiental refletem barreiras gerais na alfabetização, onde práticas interdisciplinares lutam contra currículos fragmentados, embora integrações temáticas possam resolver tais fragmentações. Souza e Rodrigues (2023) aprofundam, ao explorar a relação família-escola como fator crítico para superar isolamento prático no letramento inicial. Essa complementação revela o impacto relacional nos desafios de implementação. Cordeiro e Sgarbi (2022) intervêm, ao propor desconstruções que transformem obstáculos em inovações linguísticas e científicas. Assim, o diálogo teórico ilumina caminhos para práticas resilientes que enfrentem desafios com criatividade e colaboração.

### **2.3. Perspectivas Inclusivas para o Letramento**

As perspectivas inclusivas para o letramento nos anos iniciais enfatizam a adaptação de práticas pedagógicas a necessidades diversas, onde o educador atua como agente de equidade, integrando vozes marginalizadas ao processo de alfabetização. Bernardes, Assis e Nascimento (2024) observam que o ensino de matemática inclusivo

pode servir de modelo para letramento, uma vez que estratégias visuais apoiam alunos com ritmos variados. Essa visão tensiona com exclusões tradicionais, promovendo um letramento que valorize diferenças. Guse e Silveira (2021) complementam, ao transformar práticas matemáticas em pontes para o linguístico, ampliando o escopo inclusivo. Conseqüentemente, essas perspectivas reconfiguram o letramento como ferramenta de justiça social no ensino inicial.

Moret et al. (2021) exploram a bilíngüe para surdos como perspectiva inclusiva, onde práticas que equilibram sinal e escrito democratizam o acesso ao letramento, embora exijam suporte institucional para efetividade. Trindade (2026) dialoga, ao propor gamificação que imerge alunos em multiletramentos, fomentando inclusão por meio de interatividade acessível. Essa relação de aprofundamento evidencia o potencial de tecnologias para perspectivas inclusivas. Silva et al. (2023) intervêm, ao investigar práticas que investigam letramento como alfabetização coletiva, reforçando a inclusão de perfis diversos. Portanto, o encadeamento teórico sugere abordagens que expandem o letramento para além do uniforme, abraçando a pluralidade infantil.

Silva et al. (2021) relatam perspectivas inclusivas na alfabetização cartográfica, onde mapas adaptados incluem alunos com deficiências, promovendo letramento espacial como extensão do linguístico. Totti (2026) aprofunda, ao integrar tecnologias digitais que personalizam o letramento para ritmos individuais, mitigando exclusões digitais. Essa complementação revela o contraste entre acessibilidade e inovação. Sá e Salvador (2024) tensionam, ao estudar práticas inclusivas em ciências que apoiam letramento científico para todos. Assim, essas contribuições orientam perspectivas que transformam o letramento em processo equânime e empoderador.

A análise de perspectivas inclusivas aponta que o letramento deve incorporar avaliações formativas adaptadas, permitindo ajustes em tempo real para alunos com necessidades específicas, embora a sobrecarga docente possa limitar essa flexibilidade. Daltio e Fraga (2024) reflete que a teoria histórico-cultural guia tais perspectivas, enfatizando mediações que respeitem trajetórias individuais. Essa articulação autoral sugere que inclusividade exige compromisso ético, tensionando com métricas padronizadas. Lopes (2021) complementa, ao destacar práticas em direitos humanos que expandem o letramento para valores inclusivos. Portanto, a reflexão crítica propõe perspectivas que elevem o letramento a instrumento de coesão social.

Dias (2023) argumenta que perspectivas inclusivas no letramento inicial demandam integração familiar, uma vez que parcerias escola-casa fortalecem a alfabetização em contextos vulneráveis. Ricchiero e Moraes (2023) dialogam, ao perfilar intervenções que incluem ciência no letramento, promovendo equidade cognitiva para todos. Essa relação de aproximação evidencia o papel colaborativo nas perspectivas inclusivas. Costa (2025) intervém, ao defender inovações que adaptem letramento a realidades locais, ampliando o alcance inclusivo. Conseqüentemente, esses autores iluminam caminhos para um letramento que transcenda barreiras, fomentando equidade no ensino inicial.

### 3. METODOLOGIA

A abordagem adotada neste trabalho privilegia uma revisão sistemática de fontes bibliográficas, que permite examinar de forma aprofundada as práticas pedagógicas associadas à alfabetização nos anos iniciais. Essa escolha decorre da necessidade de mapear contribuições teóricas diversas, embora limitada a materiais acessíveis e relevantes, para sustentar uma análise crítica sem depender de dados empíricos primários. Godoi e Santos (2022), ao delinearem procedimentos para pesquisas em ciências sociais, enfatizam que tal estratégia favorece a integração de perspectivas múltiplas, enquanto Egido (2024) complementa essa visão ao destacar a importância de critérios qualitativos na seleção de textos educacionais, o que orienta a priorização de obras que dialogam diretamente com o processo de aprendizagem inicial. Assim, a delimitação temporal e temática assegura uma base sólida para o exame das interseções entre didática e desenvolvimento cognitivo infantil, promovendo uma compreensão integrada das dinâmicas escolares contemporâneas.

A seleção de fontes para esta investigação baseia-se em critérios rigorosos de relevância e atualidade, abrangendo publicações que exploram as interações entre educadores, currículos e estratégias de ensino nos anos iniciais. Essa etapa inicial revela como as práticas pedagógicas se configuram como eixos centrais para o avanço da alfabetização, revelando tensões entre tradições didáticas e inovações curriculares. A seguir, apresenta-se o quadro que sintetiza o corpus teórico mobilizado, destacando as obras que fundamentam a discussão analítica, com ênfase em suas contribuições específicas para o entendimento das ações docentes nesse contexto educacional.

**Quadro 1:** Contribuições dos autores para a pesquisa

Ano	Autores	Título	Contribuições para a Pesquisa
2017	Libâneo, José Carlos	Didática	Enfatiza didática dinâmica para práticas inclusivas, guiando adaptações no ensino inicial.
2020	Soares, Magda	Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever	Defende alfabetização gradual que valoriza repertório prévio, ampliando acessibilidade para todos os perfis infantis.
2021	Gonçalves, Fabiane Martins Melo; Martínez, Mirna Susana Viera de	EJA: um olhar atento à docência e à infantilização das práticas pedagógicas nos anos iniciais	Critica infantilização, propondo práticas que respeitem agência infantil no letramento.
2023	Narciso, Rodi; Santos, Silvana Maria Aparecida Viana	Alfabetização e letramento: o papel do educador nesse processo	Destaca a mediação docente como eixo para integrar oralidade e escrita, fomentando autonomia no letramento inicial.
2023	Dias, Andressa Gomes	Alfabetização e letramento nos anos iniciais	Explora integração de letramento com artes para retenção conceitual em salas heterogêneas.
2023	Ricchiero, Nathalia Da Silva Corrêa; Moraes, Tatiana Schneider Vieira de	Perfil dos estudos sobre intervenções pedagógicas no processo de alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental	Mapeia intervenções científicas que fortalecem letramento cognitivo, identificando lacunas práticas.
2023	Barbosa, Andréa Haddad	As práticas pedagógicas em educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental sob a ótica das pesquisas	Integra ambientalismo ao letramento para consciência crítica desde o inicial.
2023	Souza, Danielle Ferreira de; Rodrigues, Erica Karoline de Oliveira	Família x Escola: A notoriedade da relação no processo de ensino aprendizagem da criança nos anos iniciais	Explora parcerias família-escola para reforçar letramento além da sala.
2024	Santos, Silvana Maria Aparecida Viana	Alfabetização a distância em tempos de pandemia	Analisa adaptações digitais que personalizam o letramento, revelando potencial para inclusão em contextos remotos.
2024	Santos, Silvana Maria Aparecida Viana	A importância de ensinar por meio de projetos	Propõe projetos como estratégia para conectar letramento a experiências reais, promovendo engajamento afetivo.
2024	Oliveira, Gildemire Mateus de; Silva, Neyla Reis dos Santos	Práticas pedagógicas para alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições teóricas	Oferece teorias para projetos comunitários que enriquecem repertório cultural no letramento.
2025	Costa, Júlio Sousa	Importância de práticas pedagógicas inovadoras nos anos iniciais do ensino fundamental	Defende jogos temáticos para colaboração, adaptando letramento a contextos afetivos.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2026).

A adequação da pesquisa bibliográfica ao problema investigado manifesta-se na capacidade de revelar interconexões entre práticas pedagógicas e desafios do letramento inicial, alinhando o corpus selecionado aos objetivos propostos. Essa metodologia, ao privilegiar fontes

teóricas robustas, permite uma análise que transcende descrições superficiais para oferecer insights aplicáveis à docência cotidiana. Libâneo (2017) reforça essa coerência, ao posicionar a didática como guia para interpretações críticas de textos educacionais. Soares (2020) complementa, ao mostrar que tal abordagem sustenta o alfabetizar como processo inclusivo, adaptável a diversidades. Santos (2024) aprofunda, ilustrando como revisões bibliográficas inspiram projetos resilientes em contextos adversos. Narciso e Santos (2023) tensionam, enfatizando a mediação docente enriquecida por tais análises. Assim, o método assegura uma proposta analítica que une teoria à prática, promovendo avanços no ensino da alfabetização.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo reafirma que práticas pedagógicas bem articuladas elevam o processo de alfabetização a dimensão transformadora, onde o letramento inicial se torna ponte para competências duradouras na vida escolar. Essa visão, ancorada em estratégias que valorizam o contexto infantil, destaca a importância de intervenções que equilibrem o técnico com o afetivo, fomentando não apenas habilidades linguísticas, mas também confiança cognitiva. A diversidade de abordagens examinadas revela potencial para adaptações que atendam a realidades variadas, ampliando o impacto do ensino nos anos iniciais. Reflexões sobre mediações docentes sugerem que o sucesso depende de planejamento colaborativo, integrando família e comunidade ao cotidiano escolar. Essa dinâmica reforça o ensino como espaço de crescimento coletivo, onde cada criança constrói seu caminho simbólico de forma autônoma e compartilhada.

A exploração de desafios práticos evidencia que barreiras institucionais, como recursos limitados, demandam criatividade pedagógica para manter o vigor do letramento, transformando obstáculos em catalisadores de inovação. Perspectivas inclusivas, ao priorizar multimodalidades, expandem o alcance da alfabetização para perfis diversos, promovendo equidade sem sacrificar profundidade conceitual. O diálogo teórico mobilizado ilumina como projetos interdisciplinares podem mitigar fragmentações disciplinares, enriquecendo o repertório infantil com experiências integradas. Essa abordagem holística sugere que o ensino inicial, quando reconfigurado, contribui para trajetórias educacionais mais resilientes e significativas. A ênfase em avaliações formativas contínuas assegura ajustes que honrem ritmos individuais, fortalecendo o processo como todo.

Inovações como o uso de narrativas digitais e jogos temáticos emergem como vetores para um letramento dinâmico, onde a tecnologia apoia, mas não suplanta, a interação humana essencial ao desenvolvimento inicial. A análise de contribuições teóricas reforça a necessidade de formação docente contínua, capaz de navegar tensões entre tradição e modernidade no ensino da escrita. Essa formação, ao enfatizar reflexão coletiva, potencializa práticas que transcendem o imediato para impactar a cidadania futura. O foco em inclusão revela que letramento equânime exige compromisso ético, integrando vozes marginalizadas ao núcleo pedagógico. Assim, o estudo aponta para horizontes onde a alfabetização impulsiona não só o individual, mas o tecido social da educação.

A síntese dos elementos discutidos sublinha que o processo de alfabetização nos anos iniciais floresce em ambientes que cultivam curiosidade e colaboração, onde práticas pedagógicas se adaptam à pluralidade infantil para gerar engajamento duradouro. Essa adaptabilidade, guiada por princípios didáticos sólidos, mitiga desigualdades inerentes ao sistema educacional, promovendo um letramento que empodera e conecta. Reflexões sobre projetos e mediações sugerem que o ensino inicial pode ser reimaginado como laboratório de possibilidades, onde cada estratégia contribui para narrativas pessoais ricas. A ênfase em contextos reais assegura relevância, transformando o aprendizado em ferramenta de agency social. Por fim, essa visão integrada convida a ações que perpetuem o letramento como legado de equidade e criatividade no desenvolvimento infantil.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andréa Haddad. As práticas pedagógicas em educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental sob a ótica das pesquisas. In: **Anos iniciais do ensino fundamental: teorias, reflexões e práticas**. [S.l.: s.n.], 2023. p. 44-53. Disponível em: <https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.219.4>.
- BERNARDES, Núbia de Souza; ASSIS, Daiana Almeida; NASCIMENTO, João Luiz Nunes do. O processo de ensino aprendizagem da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental I. In: **Pedagogia - desafios e práticas pedagógicas no contexto amazônico**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2024. v. 4. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-379-9.cap.16>.
- CORDEIRO, Robson Vinicius; SGARBI, Antonio Donizetti. (Des)construindo práticas pedagógicas para a alfabetização linguística e científica. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, v. 11, n. 1, p. 13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/saladeaula.viii.1425>.
- COSTA, Júlio Sousa da. Importância de práticas pedagógicas inovadoras nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Mucin**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.59333/mucin.13.4>.

DALTIO, Marcela Rubia Tozato; FRAGA, Maria Amélia Barcellos. Práticas pedagógicas no AEE nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições da teoria histórico-cultural. In: **Atendimento educacional especializado: fundamentos, formação e práticas pedagógicas**. [S.l.]: Encontrografia Editora, 2024. p. 229-254. Disponível em: <https://doi.org/10.52695/978-65-5456-055-9.12>.

DIAS, Andressa Gomes. Alfabetização e letramento nos anos iniciais. In: **Anos iniciais do ensino fundamental: teorias, reflexões e práticas**. [S.l.]: Aya Editora, 2023. p. 54-59. Disponível em: <https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.219.5>.

EGIDO, Aurora Amélia. **A-Z de metodologia em pesquisa: estudos qualitativos, linguísticos e educacionais**. São Luís: EDUFMA, 2024.

GONÇALVES, Fabiane Martins Melo; MARTÍNEZ, Mirna Susana Viera de. EJA: um olhar atento à docência e à infantilização das práticas pedagógicas nos anos iniciais. In: **Processos para se tornar docente: práticas de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 194-216. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.000.196.194-216>.

GUSE, Daniela; SILVEIRA, Everaldo. Ensino de matemática nos anos iniciais: transformando práticas pedagógicas. **Vidya**, v. 41, n. 1, p. 203-221, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37781/vidya.v41i1.3781>.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LOPES, Maria Margareth da Silva. **Interdisciplinaridade dos direitos humanos: em destaque as boas práticas pedagógicas nos anos iniciais da educação básica**. [S.l.]: Dialética, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.48021/978-65-252-0100-9>.

MORET, Marcia Cristina Florêncio Fernandes; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues; RODRIGUES, Marlene. **A proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de alfabetização**. [S.l.]: Editora Conhecimento Livre, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37423/2021.edcl329>.

NARCISO, Rodi; SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. Alfabetização e letramento: o papel do educador nesse processo. **Revista Missioneira**, v. 25, n. 2, p. 79-87, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31512/missioneira.v25i2.1506>.

OLIVEIRA, Gildemire Mateus de; SILVA, Neyla Reis dos Santos. Práticas pedagógicas para alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições teóricas. **Cadernos Macambira**, v. 9, p. 115-130, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.59033/cm.v9iespecial1.1387>.

SÁ, Adriana Conrado de; SALVADOR, Maria Aparecida Tenório. Ensino de ciência e práticas pedagógicas voltadas a inclusão nos anos iniciais: um estudo no sertão de Pernambuco. In: **Ensino de ciências**. [S.l.]: Editora Realize, 2024. v. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.46943/ix.conedu.2023.gt16.018>.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. A importância de ensinar por meio de projetos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.3-131>.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. Alfabetização a distância em tempos de pandemia. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 1, p. 4601-4621, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-275>.

SILVA, [et al.]. Alfabetização na perspectiva do letramento: investigando as práticas pedagógicas para alfabetizar nos anos iniciais. **Revista Vox Metropolitana**, n. 8, p. 48-62, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.48097/2674-8673.2023n8p04>.

SILVA, [et al.]. Os desafios dos professores no processo de alfabetização cartográfica nos anos iniciais. In: **Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 3**. [S.l.]: Aya Editora, 2021. p. 104-118. Disponível em: <https://doi.org/10.47573/aya.88580.2.49.9>.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Danielle Ferreira de; RODRIGUES, Erica Karoline de Oliveira. Família x escola: a notoriedade da relação no processo de ensino aprendizagem da criança nos anos iniciais. In: **Pedagogia - desafios e práticas pedagógicas no contexto amazônico**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023. v. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-258-7.cap.14>.

TOTTI, Ellen Fernanda da Costa. A integração das tecnologias digitais no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais. **Eventos Pedagógicos**, v. 16, n. 3, p. 826-838, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/repr.vi16i3.14748>.

TRINDADE, Marília Santos. Gamificação e multiletramentos: práticas imersivas nos anos iniciais da educação básica. In: **Linguagens, letramento e alfabetização**. [S.l.]: Editora Realize, 2026. v. 4. Disponível em: <https://doi.org/10.46943/xi.conedu.2025.gto8.021>.